

CRENÇAS POPULARES ASSOCIADAS A SERPENTES PEÇONHENTAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Vitor Hugo Almeida Roxo¹; Mariana Rocha Santos Guimarães¹; Anna Caroline Victoria dos Santos Rodrigues¹; Carlos Guilherme Martins².

¹Divisão de Herpetologia - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ; vitoroxo@gmail.com; ¹Divisão de Herpetologia - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ; guimaraesmariana@id.uff.br; ¹Divisão de Herpetologia - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ; annasnakeivb@gmail.com; ²Assessoria de Ensino e Divulgação Científica - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ;

Crenças populares normalmente atribuídas a representações midiáticas, culturais e religiosas são passadas por gerações, promovendo estereótipos negativos e sentimento de aversão às serpentes. Atividades de ensino e divulgação científica focadas em serpentes constituem uma das estratégias viáveis para melhorar a convivência entre a sociedade e esses animais. Este trabalho teve por objetivo a avaliação quantitativa das atividades de ensino e divulgação científica realizadas pelo Instituto Vital Brazil, bem como a abordagem qualitativa caracterizada como um relato de experiência de crenças populares associadas às serpentes. Foi realizado um levantamento dos registros das atividades quanto ao número, total de participantes, e municípios atendidos, entre julho de 2022 a dezembro de 2023. As informações sobre às crenças associadas às serpentes foram obtidas através das interações com o referido público. Foram realizadas 82 atividades de ensino e divulgação científica para mais de 2 mil participantes e 21 municípios do estado do Rio de Janeiro. Foi possível verificar que inúmeras crenças populares sobre serpentes e medidas de primeiros socorros ainda estão presentes na atualidade. Chama atenção a presença de sugador de veneno portátil como kit de primeiros socorros, o que pode contribuir para percepção errônea quanto a necessidade do tratamento médico e ida ao polo de atendimento. Reconstruir uma visão correta sobre as serpentes não é uma tarefa fácil. O Instituto tem como desafio constante o diálogo horizontal com o público através de atividades de ensino e divulgação científica.

Palavras-chave: Etnoherpetologia; Mitos; Ensino

Introdução. O sentimento de aversão da sociedade às serpentes está relacionado a diversos fatores: o olhar fixo, o formato alongado do corpo, o movimento ágil e ondulatório (Cardoso *et al.* 2009); crenças populares atribuídas a representações midiáticas, culturais e religiosas passadas por gerações, que promovem estereótipos negativos (Da silva Lima *et al.*, 2023); e os acidentes ofídicos, que representam uma média de 30 mil casos por ano no Brasil (Brasil-SVS/MS, 2019). A falta de conhecimento sobre a identificação de espécies peçonhentas, medidas preventivas e de primeiros socorros, potencializa conflitos que intensificam a mortalidade desses animais e que interferem negativamente no quadro clínico (Guimarães, 2011); (Fernandes Ferreira *et al.*, 2011). Atividades de ensino e divulgação científica focadas neste tema constituem uma das estratégias viáveis para melhorar a convivência entre a sociedade e as serpentes, diminuindo o risco de complicações e óbitos, em consonância com a saúde única. Nesse sentido, algumas das atividades exercidas pelo Instituto Vital Brazil (IVB), Niterói - Rio de Janeiro, envolvem a realização contínua de palestras, minicursos, treinamentos e exposições para toda a comunidade. Este trabalho teve por objetivo a avaliação quantitativa das atividades de ensino e divulgação científica realizadas pelo IVB, bem como a abordagem qualitativa caracterizada como um relato de experiência de crenças populares associadas às serpentes, efetuando inferências científicas sobre cada uma delas.

Materiais e métodos. Foi realizado um levantamento dos registros das atividades de ensino e divulgação científica realizados pelo IVB quanto ao número, total de participantes, e municípios atendidos, no período de julho de 2022 a dezembro de 2023. As informações sobre às crenças

associadas às serpentes foram obtidas através das interações com o referido público nas supracitadas atividades.

Resultados e discussão. No período de julho de 2022 a dezembro de 2023, foram realizadas 82 atividades de ensino e divulgação científica para mais de 2 mil participantes (Fig.1). Foram atendidos 19 municípios do estado do Rio de Janeiro: Belford Roxo, Cabo Frio, Cachoeiras de Macacu, Campo dos Goytacazes, Duque de Caxias, Guapimirim, Magé, Maricá, Mendes, Niterói, Petrópolis, Quissamã, Rio de Janeiro, São Pedro da Aldeia, São José do Vale do Rio Preto, Saquarema, Tanguá e Teresópolis (Fig. 2).

Figura 1 - Atividades de ensino e divulgação científica realizadas pelo IVB.



De modo geral, foi possível verificar que inúmeras crenças populares sobre serpentes e medidas de primeiros socorros ainda estão presentes na atualidade, como por exemplo: “Serpentes não bebem água”. Praticamente todos os seres vivos precisam de água para sobreviver. As serpentes, não são diferentes. “Jararaca é peçonhenta por comer mosquito”. Apesar da condição peçonhenta estar associada à tática de imobilização de presas, ela não é determinada pela dieta e sim pela presença de glândula de veneno e denticão capaz de injetá-lo. Além disso, não há registros de serpentes com dieta insetívora. “Jiboia é peçonhenta em agosto (ou em alguns meses do ano)”. Esta afirmação incorreta normalmente é baseada na observação do formato triangular e orientação vertical da pupila da Jiboia, características que não podem ser consideradas visto as várias exceções existentes na ofidiofauna brasileira. “Urutu-cruzeira (Bothrops alternatus), se não mata aleija”. Devido ao quadro clínico proeminente no local da picada envolvendo serpentes do gênero *Bothrops*, uma das possíveis complicações é a amputação do membro. Entretanto, com tratamento de soroterapia específica e a vítima sendo atendida a tempo não terá sequelas. “Coral-verdadeira quando pica, sobe no telhado e espera você morrer”. As serpentes não planejam ataques às suas vítimas, nem antes e nem após a picada. Esses animais normalmente picam por defesa, quando são pisados, tocados inadequadamente ou quando se sentem ameaçados. “Quando mata uma serpente, outra vem para se vingar”. Da mesma forma que as serpentes não planejam ataques, não planejam vingança. Tal crença pode estar associada ao fato que o indivíduo após matar uma serpente, se deparou ao acaso com outro exemplar da mesma espécie.

Em relação aos primeiros socorros, grande parte dos participantes, incluindo profissionais de saúde, demonstram conhecimento equivocado, relatando como primeira medida o uso de torniquete em caso de acidente. Entretanto, chama atenção a presença de sugador de veneno portátil levado pelo público nas atividades como kit de primeiros socorros. O kit consiste de uma bomba sugadora com ventosa, um torniquete, almofadas de algodão e uma caixa de armazenamento para fácil transporte e uso ao ar livre, promete sucção a vácuo e remoção do fluido subcutâneo, proporcionando alívio imediato e indolor. O kit pode ser facilmente encontrado em lojas online do E-commerce (Fig. 3). Não há comprovação de que a sucção seja uma medida efetiva de prevenção e primeiros socorros em caso de acidentes, sendo inclusive contra indicada na literatura pelo fato de que quando o veneno entra em contato com a corrente sanguínea é distribuído rapidamente pelo corpo (Maqui & Melo, 2020). Ademais, este tipo de kit pode contribuir para que o possível acidentado tenha uma percepção errônea quanto a necessidade do tratamento médico e ida ao polo de atendimento.

Figura 3. Sugador de veneno portátil.



Conclusão. Reconstruir uma visão correta sobre as serpentes não é uma tarefa fácil. Nesta perspectiva, o IVB tem como desafio constante o diálogo horizontal com o público através de atividades de ensino e divulgação científica.

Referências.

Brasil-svs/Ms secretaria de vigilância em saúde/ Ministério da Saúde. Acidentes de trabalho por animais peçonhentos entre trabalhadores do campo, floresta e águas, Brasil 2007 a 2017. Bol Epidemiol, 50(11), 1-14, 2019.

CARDOSO, JLC. Animais Peçonhentos no Brasil: Biologia, clínica e terapêutica dos acidentes. 2ª edição. São Paulo: Sarvier, 2009.

Da Silva Lima¹, A., Ugalde, M. R., de Aguiar¹, L. P. B. de Almeida Santana¹, R., Souza¹, G. J., & de Mello Bezerra¹, A. Serpentes em animações: caracterização e percepção do grupo em longas-metragens ocidentais.

Fernandes-Ferreira, H., Cruz, R. L. Borges-Nojosa, D. M., & Alves, R. R. N. Crenças associadas a serpentes no estado do Ceará, Nordeste do Brasil. *Sitientibus série Ciências Biológicas*, 11(2), 153-163; (2011).

Guimarães, LAF. Acidentes por animais peçonhentos: identificação dos erros conceituais contidos nos livros didáticos dos ensinos fundamental e médio; (2011).

Maqui ONC, Melo PA. Aspectos epidemiológicos de acidentes ofídicos registrados no estado do Acre, Brasil, entre 2013-2017: um estudo ecológico. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*. 2020; 16:174 - 187. DOI: <https://doi.org/10.14393/Hygeia16053321>.